

O SANTO E A CIDADE: O EXEMPLO DE FRANCISCO E ASSIS

Miriam Lourdes Impellizieri Silva

(UERJ)

Os séculos da Baixa Idade Média caracterizam-se, entre outras coisas, pelo intenso ardor religioso dos laicos, evidenciado, principalmente, no desejo de uma maior participação na vida da Igreja. Enquanto alguns vivenciam esta religiosidade fora da Igreja, engrossando os quadros das heresias populares do período, outros a desenvolvem dentro da heterodoxia.

O surgimento das Ordens Mendicantes no início do século XIII vem de encontro a aquele anseio. Aliando o rigor ascético dos eremitas ao espírito apostólico representado pela pregação evangélica, mas sem fugir do mundo, os frades voltam suas vistas para a população urbana e, dentro desta, escolhem os pobres e marginalizados que, para eles, representam e seguem por seus sofrimentos e tribulações o próprio Jesus.

Abandonar tudo e "seguir nu o Cristo nu" com alegria, extrema doação de si mesmo e veneração àquela que, segundo Francisco de Assis, mais amou Cristo, a Pobreza, são os passos dados por um grande número de homens e mulheres das comunas italianas em seu desejo de viver o mais puramente possível o Evangelho, é a *sequela Christi*.

Não é por outra razão que Francisco escolhe como nome da Ordem que funda o estranho título de Ordem dos Frades Menores, de forma a ressaltar não apenas o sentido da fraternidade primitiva que unia todos os irmãos, mas principalmente o da menoridade, isto é, a opção pela vida de pobreza⁴⁶ e de exclusão social, sendo o menor entre todos os

⁴⁶ V. Julio Mico (1984), p. 231 quando afirma: "La opción de viver en una comunidad fraterna que renuncia deliberadamente a todo saber, poder y tener como forma de actuacion, es un reto

menores, o *populo minuto*, a arraia miúda, sempre alvo de críticas e de ridículo nos documentos da época.

Por seu turno, Clara, a primeira mulher franciscana, também denomina a si e suas companheiras de Irmãs Pobres⁴⁷ buscando ressaltar o sentido da fraternidade e da pobreza como opção de vida.

Para a população urbana de Assis, dois jovens ricos – um da burguesia enriquecida com o comércio e a outra oriunda da nobreza local – que tudo abandonam para viver em pobreza absoluta, inicialmente parecia suspeito, mas paulatinamente, duradoura ligação se estabelece entre frades menores e irmãs pobres – tendo, respectivamente, à frente Francisco e Clara – e a cidade. Após suas canonizações, Francisco em 1228 e Clara em 1255, Assis sente-se prestigiada, enaltecida por ser o berço, a pátria destes dois "atletas de Cristo", honra almejada por quase todas as comunas da época⁴⁸.

Nosso objetivo, nesta comunicação é apresentar algumas considerações e reflexões acerca da relação específica entre Francisco e Assis, dentro de um projeto maior que é o do estudo "santidade e cidade na Itália nos séculos finais da Idade Média". As fontes escritas e iconográficas de que dispomos formam um *corpus* de extensão razoável, contudo diante do tempo exíguo para nossa exposição, optamos por trabalhar com a Legenda feita para a canonização de Francisco, a chamada Vida 1 de Tomas de Celano (composta por dois livros e o Tratado dos Milagres). Será, portanto, através, desta fonte, que observaremos o desenvolvimento daquela relação.

para la sociedad medieval, tanto eclesiastica como civil, basada en una jerarquía de clases donde la lucha por tomar el poder económico, político e ideológico es condicion indispensable para su realizacion personal, individual y colectiva. El ofrecimiento de una vida montada sobre unos valores evangélicos que para la sociedad son antivalores..."

⁴⁷ Cf. Forma de Vida de Santa Clara, In: José Carlos Corrêa Pedroso, (1994), p. 172

⁴⁸ O desejo de ter seu próprio santo era tão grande que, muitas vezes, a cidade sem esperar pela canonização, que nem sempre acontecia, iniciava com a ajuda do clero local o culto local ao seu antigo concidadão considerado "homem de Deus". V. Vauchez, (1988), p. 215-243)

Francisco X Assis

Antes, porém, seria importante tecer algumas observações sobre os Escritos de Francisco, de forma a verificar se neles encontramos alguma pista sobre nossa questão. Neles uma primeira constatação: não existem referências a Assis. Suas obras são todas de cunho pedagógico, elucidativo, normativo, epistolar. Não há espaço para uma reflexão acerca da cidade. Aliás, percebemos que o movimento franciscano, em suas origens, se move dentro da concepção de que não há um lugar específico para se viver a verdade cristã⁴⁹, o mundo inteiro é a casa do cristão em seu peregrinar por esta vida.

Passemos, pois, à Vida 1, que se inicia com as seguintes palavras de Tomás de Celano que definem e situam nosso personagem: "Vivia na cidade de Assis, no vale de Espoleto, um homem chamado Francisco". A identificação de alguém para Celano passa evidentemente pelo nome próprio e pela pátria, a cidade natal, que ele não apenas nomeia como situa geograficamente, no vale do Espoleto. Temos pois formado nosso par: Francisco e Assis.

Como em toda hagiografia, o capítulo 1 é dedicado a apontar como foram a educação, a conduta e a mentalidade de Francisco durante os anos de infância e de juventude. Topos hagiográfico ou realidade, o fato é que segundo nosso autor Francisco recebeu péssima educação no ambiente paterno, destacando-se a frivolidade, a vaidade e os gestos e as palavras abomináveis como suas normas gerais de comportamento⁵⁰.

Jovem, sobrepujava outros no fausto, na vanglória, nos jogos, nos passatempos, nas risadas e conversas fúteis, nas canções e roupas delicadas⁵¹. Era muito rico mas não avarento, ao contrário, era pródigo. Não ávido de dinheiro, mas gastador. Era negociante esperto mas esbanjador insensato. Por fim, Celano nos informa que era afável, dotado

⁴⁹ Idéia nova e revolucionária que se chocava com o ideal monástico que via na vida de isolamento no mosteiro, condição *sine qua non* para a verdadeira vida religiosa cristã.

⁵⁰ V. Tomás de Celano, Vida 1, cap. 1, §1.

⁵¹ O ideal de vida e o comportamento de Francisco na juventude pautam-se pelo modelo cortês, próprio da nobreza aristocrática que, da França se espalha para o resto da Cristandade Ocidental através da literatura, principalmente.

podemos dizer assim, de capacidade de liderança e de carisma, já que, "cercado por bandos de maus adiantava-se altaneiro e magnânimo, caminhando pelas praças da Babilônia, até que Deus o olhou do céu"⁵².

A cidade, não especificamente Assis, mas o ambiente urbano em que Francisco vivia, assume um aspecto negativo na ótica do celanista, é a Babilônia, enquanto Francisco é o jovem burguês rico típico: fútil, ávido por divertimentos e prazeres, de bolsa farta e com tino comercial desenvolvido. Aqui, porém, já se revelavam alguns elementos que prenunciam o futuro santo – a afabilidade no seu trato com todos e a conduta indiferente para com o dinheiro, valor burguês maior.

Mas, nada disto importa porque um dia, finalmente, Deus resolve olhar para ele, e assim, dos capítulos 2 ao 6 vem narrado o processo de conversão de Francisco, isto é, a passagem da vida laica para a opção religiosa⁵³.

Após uma doença, Francisco começa a mudar, desprezando e considerando vil tudo aquilo que antes amava. Restabelecido sai à rua e começa a observar a região circundante, Assim, ele que antes só tinha olhos para as atividades urbanas, passa a reparar na "beleza" dos campos e no "encanto" das vinhas.⁵⁴

Neste ínterim, um nobre de Assis, inicia os preparativos para a formação de um exército para atacar a Apúlia⁵⁵, e Francisco pensa em alistar-se, não apenas para aumentar a sua fortuna, como para destacar-se por brilhantes feitos guerreiros⁵⁶. Mas, já mudado interiormente, subtrai-se, cada vez mais, aos negócios e ao mundo e

⁵² Tomás de Celano, *op. cit.*, cap. 1, §2.

⁵³ Para Celano a conversão só se inicia depois de um processo inicial de reforma interior, quando já tendo abandonado sua vida pregressa, questiona-se acerca do caminho religioso a seguir. Esta fase da conversão teria termina somente após o recebimento dos primeiros irmãos (cerca de 1208-1209).

⁵⁴ Tomás de Celano, *op. cit.*, cap. 2, §3,4.

⁵⁵ A guerra entre as cidades italianas pelos mais variados motivos – econômicos, políticos, rivalidades regionais, etc. foi uma constante ao longo dos séculos XII ao XV.

⁵⁶ Um dos objetivos de Francisco era alcançar a nobreza tornando-se cavaleiro.

acompanhado por um amigo e confidente, dirige-se a uma gruta afastada da cidade e lá passa horas entre a oração e a meditação⁵⁷.

Um dia, sentindo-se já preparado para uma mudança radical em sua forma de ser, vai até Foligno carregado de ricas peças para ali comercializá-las. Consegue vender tudo, até o cavalo que o transportara e retorna a pé para Assis. Aqui, ele é chamado de "feliz mercador"⁵⁸. Mas no caminho de volta pensa o que fazer com o dinheiro. É quando se dá um dos encontros mais importantes de sua vida: Francisco descobre uma igreja bastante antiga que ameaçava ruir, São Damião. Resolve, pois, doar todo o dinheiro obtido ao velho sacerdote que ali encontrara, mas este último não aceita. Ou porque temesse a ira do pai e dos parentes do jovem ou porque a má fama⁵⁹ de Francisco já se espalhara em parte devido ao seu comportamento aparentemente tresloucado por esta ocasião. Sem pestanejar, Francisco joga o dinheiro fora, por uma janela e fica por ali mesmo⁶⁰.

A notícia chega até seu pai que, seguido por amigos e vizinhos, vai até São Damião a sua procura. Francisco fica escondido por um mês em uma cova⁶¹. Passado este tempo, de volta à cidade, é recebido com insultos, chamado de louco, são-lhe atiradas pedras e lama das praças⁶². Sabedor disto, o pai vai a seu encalço e o arrasta para casa onde o encerra em um calabouço, sob os olhares aprovativos de toda a cidade.

⁵⁷ No início do seu processo de conversão, como todo santo italiano do período, Francisco passa por uma fase de inspiração eremítica, na solidão e no recolhimento.

⁵⁸ V. Tomás de Celano, *op. cit.*, cap. 4, §9.

⁵⁹ Adquirir fama é um dos ideais nobres mais difundidos pela literatura da época, seja na canção de gesta ou nos romances corteses. Contudo, não havia apenas a "boa" fama, aquela que trazia respeito e admiração, a "má" fama de um personagem também poderia se difundir, fazendo com que este recebesse opróbrio e censura da parte dos demais.

⁶⁰ O desprezo de Francisco pelo dinheiro só faz acentuar-se ao longo de sua vida. É assim que na Regra Bulada (1223), cap. 4, determina: "Mando severamente a todos os irmãos que de modo algum recebam dinheiro de qualquer espécie, nem por si nem por pessoa intermediária..."

⁶¹ V., Tomás de Celano, *op. cit.*, cap. 5, §10.

⁶² *Ibidem*, cap. 5, §11.

Pouco depois, tendo o pai partido a negócios, sua mãe o liberta e Francisco corre novamente para São Damião. O pai novamente vai ao seu encalço e como não consegue mais reaver o filho, tenta, pelo menos, reaver o dinheiro que, encontrado, o acalma⁶³.

É então que se dá a ruptura final entre o velho e o novo Francisco, entre o homem do mundo e o santo nascente. O pai o apresenta ao bispo para que, renunciando em suas mãos a própria herança, devolvesse-lhe tudo que possuía. Francisco feliz, apressadamente se despe, joga no chão suas roupas e entrega-as ao pai. Fica, pois, nu, literalmente, para seguir sem hesitações ao Cristo – pronto portanto para iniciar sua nova vida. O bispo de Assis, Guido, certo de que existia um sentido oculto em todo o insólito do acontecimento, seguro de que a mão de Deus ali se manifestava, o envolve com sua capa, tornando-se seu protetor⁶⁴.

De todo este episódio que narramos em suas principais linhas, algumas observações se impõem. A primeira delas é quanto ao espaço físico da conversão. O local ou os locais onde se refugia e medita são todos fora da cidade. Esta última com seu burburinho, ruas estreitas, população concentrada e barulhenta não se revelava como próprio para alguém em busca espiritual. O espaço ideal é, pois, fora da cidade, junto à natureza, mesmo se uma natureza já trabalhada pelo homem. É assim que, a primeira coisa que faz ao sair de casa depois de curado é descobrir a beleza dos campos e o encanto das vinhas. É a cidade se opondo ao campo, tema tão caro à Itália comunal da época.

Passa horas meditando em uma gruta, fica um mês escondido em uma cova, e escolhe ser o "protetor" de uma igrejinha abandonada e arruinada, fora do perímetro urbano. Fica patenteada, assim, não ser a cidade o local propício para uma verdadeira vida religiosa.

⁶³ *Ibidem*, cap. 6. Neste ponto fica patenteada a diferença de comportamentos e de mentalidades entre pai e filho, já preparando o rompimento que acontece pouco depois.

⁶⁴ O fato ter-se-ia dado entre os meses de janeiro e fevereiro de 1206, na praça defronte à igreja de Santa Maria Maior, na ocasião a sede do bispado da cidade de Assis. V. Fernando Uribe, 1997, p. 78.

A segunda observação é relativa à função exercida por Francisco. Enquanto comerciante é respeitado pelos seus. É mercador vitorioso – não nos esqueçamos que havia vendido tudo em Foligno – mas que, no desenrolar dos acontecimentos, incompreensíveis para a maioria, por romper com toda a conduta considerada normal para o seu grupo é tratado com animosidade em seu retorno a Assis. Francisco, pela primeira vez, é ridicularizado e ameaçado pelos seus concidadãos nas ruas e nas praças. É a cidade que se lhe mostra hostil e ameaçadora.

Mas, a ruptura não acontece ainda aí. Completando o ciclo, ela ocorre em plena cidade, dentro do perímetro urbano traçado a partir da construção de uma nova muralha (cerca de 1198), após a revolta contra o poder imperial alemão. Abandonando as roupas – símbolo maior da civilidade – Francisco fica nu e como se tendo nascido novamente é recebido pela Igreja⁶⁵.

Em todo este primeiro livro de Tomás de Celano o que ressalta é não apenas a aversão manifestada para com a vida burguesa, seus valores e atividades, mas com o próprio espaço físico urbano. Estranhamento e hostilidade são aí os traços principais que marcam a relação de Francisco com sua terra natal.

Francisco de Assis

O processo de reaproximação de Francisco com a cidade natal é lento e penoso. Durante dois anos, dedica-se à restauração de igrejas, entre elas São Damião e a Porciúncula – todas nas cercanias de Assis – e retorna à cidade apenas para mendigar. Depois de ouvir o Evangelho e descobrir finalmente o tipo de vida que queria levar: seguir sem nada o Cristo, joga fora calçados e correia e faz para si uma túnica com sinal da cruz, pobre e mal acabada.

⁶⁵ Desde o início de sua vida religiosa a ligação com a ortodoxia católica é bem marcada, não obstante o fato de que, ao romper com sua vida passada, ele torna-se marginal aos olhos de toda a coletividade de Assis. É a opção não só religiosa como de classe social, como vimos na nota 1.

Volta à cidade mas agora para pregar⁶⁶, e finalmente consegue um primeiro seguidor: Bernardo de Quintavalle, um "homem de Assis". Bernardo vende todas as suas propriedades e dá tudo aos pobres, servindo de modelo e norma para todos os demais que se lhe seguiram. Pouco depois, outro cidadão de Assis, passa a acompanhá-los: é Pedro Cattani famoso jurista. O terceiro companheiro vem do povo, de origem humilde, é Egídio, definido como trabalhador braçal. O sexto companheiro é Felipe, o Longo, jovem oriundo da nobreza⁶⁷.

O recrutamento inicial do movimento, não obstante o sentimento de hostilidade demonstrado pela comuna, é feito entre os moradores da própria cidade e seus arredores, abrangendo as suas várias camadas sociais⁶⁸.

Quando completa o número de onze seguidores, Francisco resolve escrever – premido pela necessidade de sistematizar e oficializar seu movimento – uma regra e levá-la até o papa para aprovação da sua forma de vida. Em Roma, encontra o bispo Guido que se mostra surpreso com sua presença e temeroso de que Francisco quisesse abandonar Assis, "sua terra", diante de convites para ingressar em um mosteiro ou optar por um estilo de vida eremítico (proposta do bispo de Sabina, João de São Paulo). Para alívio de Guido, Francisco mantém-se firme nos seus propósitos iniciais, consegue uma aprovação de Inocêncio III e não abandona Assis⁶⁹. É já a cidade, através de seu representante religioso maior, que se mostra ciente da importância e do prestígio que poderia advir-lhe deste pequeno movimento, graças, sobretudo ao carisma e à atração que Francisco exercia sobre as pessoas.

⁶⁶ Segundo Celano o local escolhido para as pregações foi onde aprendera as primeiras letras e fora sepultado, isto é, na Igreja de São Jorge, onde depois foi construída a Basílica e de Santa Clara. Outros autores, porém, localizam tais pregações na Catedral de São Rufino, onde funcionava a escola catedralícia.

⁶⁷ Tomás de Celano, *op. cit.*, cap. 10, § 23.

⁶⁸ Segundo Vauchez, *op. cit.*, os movimentos dirigidos pelos futuros santos tinham um caráter estritamente local, quando muito regional. O caso de Francisco, cujo movimento em poucos anos alastra-se para outras regiões da Itália e mesmo para fora desta, é exceção.

⁶⁹ Tomás de Celano, *op. cit.*, cap. 13.

No retorno ao Vale do Espoleto, os frades primeiro ficam em Rivortorto para depois se "fixarem" na Porciúncula, a partir daí, considerada como casa *mater* da Ordem⁷⁰. Começa, então, nova fase na vida de Francisco, marcada por uma atuação apostólica cada vez mais ampla no espaço e vitoriosa, já que recebe frades de todos os lugares e em número crescente por onde passa. Prega nas cidades, onde sempre recebe boa acolhida: "alegrava-se o clero, tocavam os sinos, exultavam os homens, festejavam as mulheres, aplaudiam as crianças..."⁷¹. Praticava curas beneficiando todos, sem distinção de idade, sexo ou procedência, ou grupo social.

Diante de tudo isto como fica Assis? A esta altura a grandeza do "seu filho" já era patente e reconhecida "externamente", isto é, pelas outras regiões e comunas da Itália central e norte, e a má fama dos primeiros anos dera lugar a boa fama, ao amor e à devoção.

Tomás de Celano nos conta que, em certa ocasião, já doente, de retorno à cidade, mandou que o frade que o acompanhava lhe amarrasse uma corda ao pescoço e o conduzisse assim, como um ladrão, por toda Assis, clamando como um pregoeiro: "Vejam o comilão que engordou com carne de galinha, que comeu sem vocês saberem". Muitos acorriam e diante do espetáculo de um Francisco acabado, doente e praticamente cego comoviam-se, choravam e gemiam e se arrependiam dos pecados⁷². Atitudes bastante diferentes daquelas que marcaram os cidadãos anos antes quando do processo de conversão de Francisco...

Chegando ao Livro 2 da Vida 1, em que Celano narra os dois últimos anos da vida do santo, somos informados que

No ano de 1226 da Encarnação do Senhor, ... no domingo dia 4 de outubro, nosso bem-aventurado pai São Francisco, na cidade de Assis, sua terra, e na Porciúncula, onde fundara a Ordem dos Frades Menores, tendo completado vinte anos de perfeita adesão a

⁷⁰ Mantêm-se próximos de Assis, mas não em seu interior que apenas visitam.

⁷¹ *Ibidem*, cap. 22.

⁷² *Ibidem*, cap. 19.

Cristo e de seguimento da vida apostólica, saiu do cárcere do corpo e voou feliz para as habitações dos espíritos celestiais, terminando com perfeição o que tinha empreendido. Seu santo corpo foi exposto e honrosamente sepultado com hinos de louvor nessa mesma cidade, onde brilha em seus milagres para a glória do Todo-Poderoso. Amém.

É retorno às origens, as suas origens. Fracassadas todas as tentativas de cura para seus diversos males de saúde, acirrados após a estigmatização – setembro de 1224 – Francisco, que fora para Rieti, pede para voltar a Assis onde deseja morrer. Levado para o palácio do bispo de Assis, manifesta o desejo de retornar à Porciúncula uma última vez⁷³. E ali, entre o choro e as lágrimas dos seus frades, membros do clero local e da cúria papal, que ele enfim morre.

Diante da notícia que se espalha na cidade as multidões descem o Subásio até a Porciúncula para ver o "santo espólio". A cidade de Assis vem em peso entoando cânticos, segurando palmas e chorando. O corpo do santo brilhava de brancura, sua pele ficara branca, os membros flexíveis, rosto de anjo. É assim que é feita uma vigília noturna para proteger o corpo e evitar o seu seqüestro por outras comunas⁷⁴.

Na manhã seguinte todos seguem seu cortejo fúnebre até Assis que faz uma parada em São Damião para que as irmãs pobres de Clara pudessem ver e tocar pela última vez o seu corpo. Chegado na cidade, o corpo é deposto em um lugar sagrado, a igreja de São Jorge⁷⁵, onde milagres começam a acontecer

Um cidadão de Assis perdera a visão havia cinco anos e tinha sido conhecido de São Francisco durante toda a sua vida. Sempre rezava ao santo lembrando-lhe sua familiaridade. Tocando seu sepulcro ficou livre da doença⁷⁶.

É ali, em São Jorge, que será realizada com toda a pompa a cerimônia da canonização pelo papa Gregório IX, em meio ao júbilo de toda uma cidade que, após

⁷³ Francisco segue o modelo da boa morte, um dos fatores que identifica e marca o santo.

⁷⁴ O roubo das relíquias de um santo era muito comum, existindo casos em que se cobrava-se, inclusive, resgate para que a cidade recuperasse seu protetor.

⁷⁵ V. Tomás de Celano, *op. cit.*, Livro 1 cap. 9 e 10.

⁷⁶ Tomas de Celano, *Tratado dos Milagres*, cap. 136.

tantos séculos, voltava a ter inscrito no catálogo dos santos um de seus filhos. E a quem confiavam, invocando a antiga familiaridade e a concidadania, a solução dos problemas pessoais e coletivos com prontidão e sem falhas.

BIBLIOGRAFIA UTILIZADA

- FLOOD, David & CALOGERAS, Athena. *Dalla parte dei poveri*. Introduzione alla vita francescana. Padova, Edizioni Messaggero, 1992.
- FONTI Francescane. Padova, Edizioni Messaggero, 1996.
- FRANCISCO de Assis (São). Escritos e biografias de São Francisco de Assis. Crônicas e testemunhos do primeiro século franciscano. Petrópolis, Vozes, 1986.
- MICCOLI, Giovanni. *Seguire Gesù Povero*. Magnano, Edizioni Qiqajon, 1993.
- MICO, Julio. La conversion de Francisco de Asís, ¿Una opción de clase? *Selecciones de Franciscanismo*, 28, p. 197-231, 1984.
- PEDROSO, José Carlos Corrêa (org.). *Fontes Clarianas*. 3ª ed. Petrópolis, CEFEPAL / Piracicaba, Centro Franciscano de Espiritualidade, 1994.
- URIBE, Fernando. *Pelos Caminhos de Francisco de Assis*. Petrópolis, FFB, 1997.
- VAUCHEZ, André. *La sainteté en Occident aux derniers siècles du Moyen Age*. Roma, École Française de Rome, 1988.
- . *A Espiritualidade na Idade Média Ocidental. Séculos VIII a XIII*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1995.